

Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura  
e Redes da Maré apresentam: Casa Preta da Maré 2023

redes  
da  
maré

DEZ 23

# IDENTIDADES E RACIALIDADES NA MARÉ

EDIÇÃO Nº 01

## CADERNO 2

# OS CRIAS ORIGINAIS

 CASA  
PRETA



# FICHA CATALOGRÁFICA

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Identidades e racialidades na maré [livro eletrônico] : os crias originais / organização Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, Kaê Guajajara, Pâmela Carvalho ; coordenação Geisa Lino ; curadoria Kaê Guajajara, Kath Xapi Puri, Lisi Potiguara ; ilustração Wanessa Ribeiro. -- Rio de Janeiro : Redes da Maré, 2023. PDF

Vários colaboradores.  
ISBN 978-85-61382-16-2

1. Artigos - Coletâneas 2. Comunidades - Rio de Janeiro (RJ) 3. Fotografia - Brasil 4. Identidade racial 5. Povos indígenas 6. Relações étnico-raciais I. Associação Redes de Desenvolvimento da Maré. II. Guajajara, Kaê. III. Carvalho, Pâmela. IV. Lino, Geisa. V. Puri, Kath Xapi. VI. Potiguara, Lisi. VII. Ribeiro, Wanessa.

24-188550

CDD-980.41

### Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Brasil 980.41

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

# A REDES DA MARÉ

A Redes da Maré é uma instituição da sociedade civil que atua na Maré há mais de 20 anos. Seu objetivo principal é contribuir para a efetivação de políticas públicas estruturantes que impactem na qualidade de vida dos mais de 140 mil moradores das 16 favelas que compõem a região.

A criação da Redes da Maré foi resultado de um longo processo de comprometimento dos seus fundadores com o movimento comunitário no conjunto de favelas da Maré e na cidade do Rio de Janeiro. A partir da iniciativa de moradores da Maré que acessaram a universidade e/ou compunham movimentos sociais e comunitários, a instituição iniciou suas ações no território, principalmente pautando o acesso ao direito à educação para todos os moradores da Maré.

As ações, pesquisas e reflexões desenvolvidas pela Redes da Maré ao longo de seu percurso nos diferentes campos das políticas sociais pautam-se pelo interesse comum de trabalhar de forma integrada e abrangente, com temáticas relativas à cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, aos seus espaços populares.

Atualmente, a Redes da Maré busca desenvolver projetos dentro de cinco eixos estruturantes:

- Arte, Cultura, Memórias e Identidades;
- Direitos Urbanos e Socioambientais;
- Educação;
- Direito à Saúde;
- Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça.

E através de equipamentos e projetos transversais:

- Casa das Mulheres da Maré;
- Maré de Notícias – jornal comunitário.



# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. OS CRIAS ORIGINAIS</b> .....	<b>12</b>
<b>2. SÉRIE DE COLAGENS DIGITAIS</b>	
Abi Poty.....	15
<b>3. REFLEXÕES SOBRE O PROTAGONISMO HISTÓRICO DAS MULHERES NEGRAS, INDÍGENAS E IMIGRANTES NA LUTA SOCIAL DE GÊNERO, ANTIPATRIARCAL E CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS</b>	
Breno Tupinambá .....	21
<b>4. MOÍASUKABA YBY PUPÉ</b>	
Emanuely Makaya .....	34
<b>5. POEMAS AUTORAIS</b>	
Daniela Tupinambá .....	36
<b>6. FOTOGRAFIAS</b>	
Gilberto Oliveira/Margem do Rio .....	39
<b>7. POESIA INDÍGENA ORIGINÁRIO DO RJ</b>	
Kandu Puri.....	44
<b>8. KALANGO BROBÓ</b>	
Sandro Xukuru.....	46
<b>9. POEMAS AUTORAIS</b>	
Xipu Puri.....	47
<b>10. SERTÃO DOS INHAMUNS A FORTALEZA/CE - O ESPAÇO QUE NOS UNE E SEPARA</b>	
Yuapenu Juká.....	49
<b>11. RAÍZES ORIGINÁRIAS</b>	
Thanis Parajara .....	52

# SOBRE AS CURADORAS

## **Kaê Guajajara**

Kaê é indígena do povo Guajajara. É cantora, compositora e fundadora do coletivo Azuruhu, que é um selo dedicado a artistas indígenas. Além disso, é mãe, criada no Complexo da Maré, atriz e ativista dos direitos indígenas. Seu trabalho é fundamental na tarefa de ressignificar imaginários por meio da arte, contribuindo para o reflorescimento de mentes e espíritos.



## **Kath Xapi Puri**

Indígena da etnia Puri, nascida em Muriaé-MG e criada na periferia de Serra-ES, é ilustradora, designer e diagramadora. Graduada em Design pela UFES e com Formação Pedagógica em Artes Visuais pela Uniasselvi. Atualmente, atua como designer no Instituto AzMina e presta serviços para outras instituições relacionadas aos direitos indígenas. Como ilustradora, sua principal temática é a representatividade indígena, biomas nativos e ancestralidade. No ano de 2022, participou da I Bienal de Arte Indígena do Rio de Janeiro e da exposição Projeta JPA. Em 2023, foi palestrante no Festival WOW, integrando a mesa “Outros corpos e histórias na arte”. Como arte-educadora, atuou entre 2021 e 2023 no Projeto Nóiz Social, localizado na Cidade de Deus, ministrando atividades pedagógicas para crianças de 6 a 13 anos. Também é integrante do Projeto Txemim Puri - grupo de pesquisa, revitalização e ensino da língua Puri, resgate e preservação da história e cultura Puri.



## **Lis Potiguara**

Nascida em Crateús, interior do Ceará, cria do Complexo da Maré, Lisi é indígena do povo Potyguara, atuando como atriz, produtora e assessora da Azuruhu (selo artístico de artistas indígenas). Além disso, integra a ocupação Aldeia Marakanã. Participou da produção da I Bienal de Artes Indígenas do Rio de Janeiro, contribuindo também com as produções audiovisuais de artistas indígenas.



# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1: A queda da Babilônia.....</b>	<b>15</b>
<b>Imagem 2: A queda da Babilônia.....</b>	<b>16</b>
<b>Imagem 3: A queda da Babilônia.....</b>	<b>17</b>
<b>Imagem 4: O Rio de Janeiro inteiro é território indígena.....</b>	<b>18</b>
<b>Imagem 5: Guerreiro Guajajara .....</b>	<b>19</b>
<b>Imagem 6: Guerreira Tupinambá .....</b>	<b>20</b>
<b>Imagem 7: A Dança do Mundo .....</b>	<b>20</b>
<b>Imagem 8: Amanda Goytacá .....</b>	<b>34</b>
<b>Imagem 9: Maria Guajajara .....</b>	<b>35</b>
<b>Imagem 10: Gritar e chacoalhar .....</b>	<b>39</b>
<b>Imagem 12: Não esquecer de dançar no asfalto.....</b>	<b>40</b>
<b>Imagem 11: É território! .....</b>	<b>40</b>
<b>Imagem 13: Dançar para suspender o céu.....</b>	<b>41</b>
<b>Imagem 14: Estamos nas cidades! .....</b>	<b>42</b>
<b>Imagem 15: Meu corpo e espírito habitam essa cidade.....</b>	<b>43</b>
<b>Imagem 16: Kalango Brobó.....</b>	<b>46</b>
<b>Imagem 17: Sagrado Urucum.....</b>	<b>52</b>
<b>Imagem 18: Roda de cânticos TUPINIKIM.....</b>	<b>53</b>
<b>Imagem 19: Rito de abertura de casamento .....</b>	<b>53</b>
<b>Imagem 20: Ritual TUPINIKIM da dança guerreira.....</b>	<b>54</b>
<b>Imagem 21: Sagrado Jenipapo.....</b>	<b>54</b>
<b>Imagem 23: Batismo com barro.....</b>	<b>55</b>
<b>Imagem 22: Grafismo e Ancestralidade.....</b>	<b>55</b>
<b>Imagem 24: Kalinhy'ã.....</b>	<b>56</b>



# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>Anmiga</b>	Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade
<b>CESAC</b>	Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré
<b>CESAC-CAIURÉ</b>	Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré-Imana
<b>MAM-RIO</b>	Museu de Arte Moderna
<b>NEABI</b>	Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas

# INTRODUÇÃO

Comungando da metodologia de trabalho da Redes da Maré, surge a Casa Preta da Maré, como projeto em 2019 e como espaço físico em 2023. A Casa Preta da Maré é um espaço de formação teórica-metodológica e política para trabalhar as questões étnico-raciais no Conjunto de Favelas da Maré, incidindo politicamente no Rio de Janeiro e no Brasil.

A Casa Preta da Maré tem como objetivo promover a formação de lideranças negras e a conscientização da população sobre o racismo, bem como tecer redes para a formulação e efetivação de políticas públicas voltadas para a população negra. A Casa oferece cursos, oficinas, palestras, debates e outras atividades que abordam temas como a história da negritude no Brasil, o racismo estrutural, a cultura afro-brasileira e a luta antirracista.

Algumas das atividades realizadas pela Casa Preta da Maré incluem:

Cursos e oficinas sobre temas relacionados à negritude, como história da África e do Brasil, cultura afro-brasileira, racismo estrutural e luta antirracista.

Palestras e debates com especialistas em temas relacionados à negritude.

Projetos de pesquisa sobre temas relacionados à negritude.

Ações de conscientização sobre o racismo, como campanhas e eventos públicos.

Assim, a Casa Preta da Maré se articula com a produção de conhecimento protagonizada por pessoas negras e indígenas, compreendendo que pautar espaços e materiais voltados para a pesquisa, ensino e reflexão contribui para a reeducação das relações raciais. Dessa forma, o eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades, em especial a Casa Preta da Maré, lança os Cadernos Identidades e Racialidades na

Maré. A primeira edição do projeto é composta por três publicações: Caderno I - Práticas e experiências racializadas na Maré, Caderno II - Narrativas Originárias e Caderno III - Dados e Debates sobre a população negra na Maré.

O segundo caderno tem como objetivo apresentar artigos, ensaios fotográficos, poesias e outras produções artísticas e intelectuais de autores indígenas. O desenvolvimento desse material ocorreu de forma colaborativa com o coletivo Azuruhu, um selo artístico dedicado ao impulso de artistas indígenas, visando proporcionar autonomia e estimular a produção da arte indígena contemporânea. A parceria entre Azuruhu e Redes da Maré visa tecer redes entre duas iniciativas que têm na Maré, uma plataforma para a proposição de debates, mudanças e ações políticas. O selo artístico tem desenvolvido trabalhos com intelectuais de todo o Brasil, sendo uma de suas fundadoras Kaê Guajajara, artista, intelectual e educadora que tem pautado saberes e protagonismos indígenas desde as aldeias até as favelas. Dessa forma, foi realizada uma chamada pública para intelectuais indígenas de todo o território nacional, contando com 44 inscrições. Dentre essas, 10 foram selecionados para compor esta publicação, que se propõe a ser uma semente de um movimento necessário e permanente: o de compreender as epistemologias originárias como o cerne do pensamento social brasileiro.

O caderno apresenta artigos, poemas, colagens, ensaios fotográficos e reflexões, reconhecendo que são múltiplas as formas de expressões e identidades originárias.

**Sejam bem-vindos ao segundo caderno "Identidades e Racialidades na Maré".**

**Boa leitura!**

# 1. OS CRIAS ORIGINAIS

Coletivo AZURUHU

Os primeiros crias do Rio de Janeiro são os indígenas. Do nosso país todo, do continente também. Aqui, já existiam milhões de indígenas que viviam e cultivavam a floresta aqui, que conheciam bem essa região.

Havia diversas comunidades espalhadas por toda essa terra, cada uma falando diferentes línguas, que tinham diversos jeitos de construir casas e de viver. Utilizavam palafita, oca, taipa, casas grandes de madeira, bambu, palha. Alguns indígenas chegaram até mesmo a construir pirâmides em outros países do nosso continente.

A galera já sabia tudo da floresta, caçavam, criavam muitos bichos para viver juntos e também para alimentar suas famílias. Pescavam, plantavam de tudo, cultivavam diversas plantas que sabiam que eram boas para comer e fazer remédio. Os povos indígenas sabiam cuidar da terra e dos rios, tanto que por aqui ficou tudo limpo, preservado e fértil por muito tempo. Todos tinham o hábito de tomar banho todo dia e mais de uma vez ao dia, e também tinham o costume de dormir em redes ou esteiras. Não havia patrão, donos, prefeitos ou presidentes. Não havia dinheiro, bancos, documentos, burocracias, emprego.

Até que invadiram a terra dos crias. Desembarcaram em vários barcos grandes chamados caravelas. Eram portugueses, franceses, holandeses. Chegaram em diversos lugares, como Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo, entre outros. Em cada local, foram recebidos de maneiras distintas pelos crias; em alguns lugares, foram bem recebidos, em outros, já levaram flechada, e não gostaram nada... Os povos que estavam em contato com eles ficaram curiosos para entender quem eram e de onde vinha essa gente que do nada brotou na praia. Perceberam logo de cara que eram diferentes, não tinham o hábito de tomar banho, não sabiam cuidar da floresta e dos rios, sujavam, poluíam e destruíam sem entender o que estavam fazendo. Tinham muitas doenças e não cuidavam de si mesmos. Além disso, usavam muitas roupas. Precisaram da ajuda dos indígenas para se orientarem, descobrir o que era seguro comer, identificar as áreas perigosas e aprender mais sobre a terra. Os indígenas os ajudaram.

Os indígenas não sabiam que os invasores estavam na maldade, fingindo amizade para conhecer mais sobre eles. Na verdade, os europeus estavam enviando cartas para Portugal dizendo que os indígenas eram um bando de

selvagens sem Deus no coração. Eles diziam em suas cartas que os indígenas eram todos animais e confessavam seus verdadeiros interesses, que era lucrar, pegar coisas para vender na Europa e ganhar muito dinheiro, além de achar ouro e pedras preciosas.

Depois de aprenderem sobre o território, os europeus usaram esse conhecimento contra os índios. Chegaram mais barcos, trazendo consigo armas que os indígenas não possuíam. Os europeus começaram a escravizar e a violentar os povos indígenas.

Os primeiros povos a serem escravizados no Brasil foram os indígenas. A primeira coisa que os europeus os obrigaram a fazer foi cortar as árvores de pau-brasil, pois era uma madeira valiosa e eles queriam explorar e vender para a Europa. O nome do país, Brasil, vem dessa árvore, que foi a primeira coisa que os europeus roubaram da terra indígena.

Com o tempo, os indígenas foram forçados a construir casarões, engenhos, estradas e começar a construir as cidades. No lugar onde antes havia várias comunidades indígenas, hoje é o Rio de Janeiro, que já foi habitado por mais de 300 comunidades indígenas. Sabia que os Arcos da Lapa, a Igreja da Glória, o Passeio Público, o Paço Imperial e várias casas antigas do centro do Rio de Janeiro foram construídos por indígenas que estavam sendo escravizados pelos brancos? E também a Igreja da Glória, o Passeio Público, o Paço Imperial e várias casas antigas do centro do Rio de Janeiro. Isso não é contado nas escolas, nos jornais, nos documentários ou nas universidades. Esses indígenas também abriram as primeiras estradas que atravessam o país, na base de muita violência.

Os homens indígenas eram levados para trabalhar em construções e as mulheres eram sequestradas para se casar com portugueses. Quem aí nunca ouviu a história da “avó indígena, que foi laçada”? Essa expressão se refere ao fato de que as mulheres indígenas eram raptadas, forçadas a se casar e a ter filhos com portugueses.

Essas mulheres foram vítimas de estupro e violência, mas também foram agentes ativas na construção do Brasil. Elas pariram muitos filhos, que se misturaram com os portugueses e geraram uma população mestiça, um projeto de miscigenação que os invasores queriam. As cidades brasileiras sempre tiveram uma população indígena, mesmo que essa presença não seja sempre reconhecida. Os indígenas foram roubados de suas terras, tiveram suas comunidades invadidas e foram escravizados. No entanto, eles resistiram e continuam a existir.

Muitas famílias indígenas estão presentes na formação de muitas cidades brasileiras, desde antes de elas se tornarem centros urbanos. Muitos nomes de

idades e bairros ainda lembram essa presença, como Bangu, Tanguá, Ipanema, Copacabana e até o nome da população do Rio de Janeiro: carioca. O que não ficou foi o respeito a essas famílias.

Desde o início da invasão do que conhecemos como Brasil, até os dias atuais, muitos indígenas sofrem racismo. As pessoas não indígenas acham que eles são burros, que vão falar errado, que não entendem nada, que não sabem do mundo. Acham que as mulheres indígenas são “exóticas”, têm fetiche de que são selvagens, e não é nada disso. É aí que está o preconceito: quando você já acha que alguém vai ser de um jeito mesmo sem conhecê-lo, sem ter convivido com ele. Quem é favelado conhece muito bem isso. Pessoas negras também conhecem bem esse sentimento, do racismo e como ele acontece.

Além disso, os indígenas sofrem racismo de diversas formas. Por exemplo, há pessoas que imitam o som que eles fazem com a boca para rir deles. Também há quem os considere inferiores por causa de sua cultura, roupas, pinturas ou acessórios. Essas pessoas acham que os indígenas são sujos, não pensam ou falam bem. Em alguns casos, os indígenas são impedidos de entrar em lugares, perseguidos ou até agredidos.

Combater o racismo e o preconceito é uma tarefa urgente no Brasil. É preciso que as pessoas que resistem a essas formas de discriminação, nas favelas, comunidades tradicionais, aldeias indígenas e quilombos, se unam para avançar. Juntas, podemos conquistar nossos direitos. Atualmente, os direitos indígenas não contemplam a totalidade dos povos originários. De acordo com o Censo 2022, o Brasil tem cerca de 1,7 milhão de pessoas indígenas, das quais 63% vivem nas cidades, fora das aldeias e territórios demarcados.

A diversidade indígena é imensa. No Brasil, existem cerca de 305 povos que falam mais de 274 línguas. Esse número era ainda maior antes da invasão do colonizador, que, desde 1500, promoveu um processo de genocídio contra os povos indígenas. Os povos indígenas que resistiram e sobreviveram são os principais guardiões da biodiversidade do planeta. Eles protegem mais de 80% da vida no planeta, da diversidade de plantas e animais, da proteção de rios e florestas. Isso porque suas culturas são baseadas no equilíbrio com a natureza, sem poluição ou destruição. Em tempos de emergência climática, é urgente olhar para as culturas ancestrais indígenas. Elas trazem a verdadeira solução para enfrentar os problemas causados pelo capitalismo e pelo modo de vida colonial. Ao unir o conhecimento indígena às comunidades e favelas das cidades, podemos reflorestar nossas cidades, diminuir o calor, recuperar rios e canais. Além disso, podemos reconstruir nossos direitos e construir uma existência plena.

## 2. SÉRIE DE COLAGENS DIGITAIS



### ABI POTY

Abi Poty é indígena do Povo Potyguara, da Aldeia São José, localizada em Crateús, Ceará, nascido na Comunidade do Acari, Zona Norte do Rio de Janeiro.

É Artista Visual e Diretor de Audiovisual, formado em Fotografia pelo SENAI FIRJAN/RJ. Abi é Co-fundador da associação cultural LGBTQIA+ Humanização no Asfalto (RJ) e co-fundador da produtora de audiovisual da Produtora Nativa (SP). Também atuou na Direção Geral de Audiovisual no selo de artistas indígenas intitulado AZURUHU (RJ). Suas técnicas envolvem a performance e a colagem digital, com a proposta de construir novos mundos e pontes invisíveis entre passado, presente e futuro. Seus trabalhos trazem o corpo, o tempo e a ancestralidade como eixos principais.



**IMAGEM 1: A QUEDA DA BABILÔNIA**

Colagem Digital, 1x3, 2020.



**IMAGEM 2: A QUEDA DA BABILÔNIA**

Colagem Digital, 2x3, 2020.





**IMAGEM 3: A QUEDA DA BABILÔNIA**

Colagem Digital, 3x3, 2020.



**IMAGEM 4: O RIO DE JANEIRO INTEIRO É TERRITÓRIO INDÍGENA**

Colagem Digital, 2020.



**IMAGEM 5: GUERREIRO GUAJAJARA**

Colagem Digital, 2020.



**IMAGEM 6: GUERREIRA TUPINAMBÁ**  
Colagem Digital, 2020.



**IMAGEM 7: A DANÇA DO MUNDO**  
Colagem Digital, 2020.

A série de colagens digitais expõe a representação de corpos indígenas em suas múltiplas vivências e realidades dentro de um sistema que frequentemente invisibiliza a presença dos povos originários em espaços urbanos e nas favelas. Essas imagens desafiam o imaginário comum de que os indígenas só existem na floresta intocável. A série 3x3 “A Queda da Babilônia” é uma reflexão sobre um futuro possível, onde a natureza foi devastada e a humanidade está à beira da extinção. Nesse mundo distópico, pássaros são substituídos por helicópteros, a palavra é substituída por papel e frutas são substituídas por agrotóxicos. A terra está seca, os peixes são de plástico e o rio tem cheiro de sangue. As colagens são uma denúncia do impacto da colonização e do capitalismo sobre o meio ambiente e os povos originários. Não existe uma floresta intocável. Não existe um amanhã de plástico. Nosso céu está caindo sobre nossas cabeças.

### 3. REFLEXÕES SOBRE O PROTAGONISMO HISTÓRICO DAS MULHERES NEGRAS, INDÍGENAS E IMIGRANTES NA LUTA SOCIAL DE GÊNERO, ANTIPATRIARCAL E CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS



#### BRENO TUPINAMBÁ

Sou Breno Tupinambá, nome étnico Ka'ipyatan mboê-riri tupinambá. Tenho 26 anos e sou estudante, ativista e arte-educador indígena, aldeado na Teko Haw Maraká'na pe (Aldeia e universidade indígena pluriétnica Maracanã, no Rio de Janeiro). Nasci e fui criado em Guaratiba, zona oeste do Rio de Janeiro, por mais de 20 anos. Guaratiba é originalmente um antigo e sagrado território dos tupinambás, confirmado historicamente no livro "Rio antes do Rio". Sou membro-representante da Universidade Indígena Pluriétnica Aldeia Maracanã, em nome de várias lideranças, como o Cacique Urutau Guajajara e sua companheira e liderança feminina Potyra Krikati. Como representante, sou responsável por trazer demandas específicas do território e garantir a realização de eventos em parceria com a UFRRJ e a aldeia. Cito alguns desses eventos: rodas de conversa, encontros, seminários e lutas estudantis por direitos e visibilidade das causas indígenas dentro e fora do campus. Estive presente na mesa na UFRJ no congresso científico "Scientiarum História "A queda do céu" no HCTE/CCMN - UFRJ, como membro debatedor/palestrante da mesa de pesquisadores decoloniais originários. Estive no Museu de Arte Moderna (MAM-RIO) junto à Aldeia Maracanã. Também participei da Exposição "Uyra, aqui estamos", do evento promovido pela UERJ "UERJ Sem muros 2022", do lançamento dos livros "Em nossas Artérias, nossas raízes" e "Tentehar muze'eg uze'eg ze'egar haw a' cantos e encantos (2023)". Anualmente, estou presente e ministro oficinas no Abril Indígena da Teko Haw Maraká'na pe (Aldeia Maracanã), entre tantas outras atividades. Recentemente, tornei-me pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro, o defensor público da Aldeia Maracanã(r)existe.

## RESUMO

Estamos em um século histórico, e neste texto, estarei dissertando sobre a luta pela liberdade plena e igualdade das mulheres na sociedade, sejam elas racial, cultural, sexual ou religiosa. Citando exemplos como os movimentos de Rojava, no Curdistão, e também em Chiapas, no México, onde as mulheres do movimento zapatista indígena, que historicamente ocupavam um papel subordinado em diversas culturas indígenas, infelizmente contaminadas pelo machismo europeu importado, subverteram esse papel para um outro de igualdade, fraternidade e cooperação com seus companheiros e companheiras(es). Exemplo disso é a Ramona, uma das principais protagonistas do movimento zapatista e responsável por organizar as mulheres indígenas, lado a lado do subcomandante Marcos, hoje conhecido como “Delegado Zero”, porta-voz do movimento. Ramona quebrou totalmente os arcaicos conceitos de que as mulheres são “o sexo frágil, indefesas e submissas”, substituindo-os por um de força, cooperação e ternura. Outro grande exemplo atual e próximo de nossa realidade brasileira indígena é a grande guerreira Potyra Krikati, uma das principais lideranças femininas da Teko Haw Maraká'ná pe (Aldeia Maracanã) ao lado do cacique José Urutau Guajajara. Potyra é uma das principais referências e símbolos de resistência indígena no Rio de Janeiro, responsável por organizar diversos encontros do sagrado feminino, guardiã dos chás de cura da aldeia e mãe. Sendo assim, podemos afirmar que, quando falamos de mulheres indígenas, logo vem à mente a palavra resistência. Também pela determinação de mulheres como Marielle Franco, que, por sua coragem em lutar e dizer a dura verdade, independente de sua posição política ou não, pelo movimento negro de nossas vidas, foi covardemente perseguida e assassinada por aqueles que nos pseudorepresentam e nos pseudoprotegem, se tornando, tragicamente, um dos maiores símbolos de resistência feminina e representatividade antirracista. Assim como bell hooks, Angela Davis, Conceição Evaristo, Ana Carolina de Jesus e tantas outras mulheres que lutam por liberdade e igualdade.

**Palavras-chave:** Indígenas; Negros; Mulheres; Imigrantes; Gênero.

## INTRODUÇÃO

O resgate da memória da América latina é a história dos machos onde as mulheres cumprem um papel decorativo, uma história de machos contadas para os machos, o machismo é importado, pois os indígenas tinham plena liberdade sexual. Sendo para machos e, portanto, destinada a perpetuar o poder dos machos. Uma história de brancos, absolutamente, racista onde rebeliões

negras e indígenas quase não se falam, o servo que traiu o seu senhor uma história de ricos, corresponde a necessidade dos ricos de justificar seus privilégios para poder transmiti-los por herança , cultura e material e, por fim uma história de militares , que parece um grande desfile militar , uniformes recém saídos da tinturaria e senhores com cara de mármore e bronze , nunca de carne. Os indígenas que deveriam ser os privilegiados na América, por serem os primeiros habitantes quase como os negros no sul da África se negam o direito a religião, só têm direita a superstição não praticam arte, só artesanato, não falam línguas, só dialetos e no fundo não são seres humanos, nada mais que recursos humanos, braços humanos baratos disponíveis, nos subúrbios das cidades desamparados onde se veem como mendigos, putas e delinquentes "em um mundo onde envenenamos o ar , a terra , a água e a alma como não vai ser importante o legado histórico de culturas onde a natureza não é inimiga porque somos filhos delas, cultura que nunca vão entender como é possível vender a terra porque ninguém vende a sua mãe. (GALEANO, 1971).

Este artigo surgiu a partir de uma iniciativa do professor Luiz Fernandes (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ), responsável por ministrar a disciplina de Sociologia aplicada à licenciatura de educação do campo na UFRRJ. Logo, eu, como um homem indígena cisgênero, me sinto na posição relativamente desconfortável e totalmente fora do meu lugar de fala para apresentar críticas que considero relevantes à luta feminista na atualidade. No entanto, não posso ignorar o fato de que toda minha vida, pessoal, acadêmica e política, foi diretamente influenciada por grandes mulheres. Sejam elas minha própria mãe, companheiras ou professoras, gostaria de, com este texto, contribuir para que sejam dadas a devida visibilidade e seriedade aos temas aqui apresentados. Jamais pretendo usufruir de qualquer tipo de protagonismo ou ter a última palavra nos diversos e plurais temas sócio-políticos dissertados. Todavia, acredito na necessidade de todos discutirem e se posicionarem sobre diversos temas que afetam a vida social, cultural e política da sociedade. Isso é importante para que as discussões e críticas sejam efetivas e contribuam para o propósito de todos os artigos acadêmicos, produzidos dentro ou fora da academia. Logo, estarei dissertando e explorando sobre alguns autores e autoras sobre a importância e necessidade da luta social, cultural e política das mulheres. Seja pela sua própria liberdade de expressão, de trabalhar, de viver, de amar e de se relacionar, ou seja, para que possam contribuir com grandes movimentos de reivindicação de direitos sociais básicos em diversos contextos, seja educação, saúde, liberdade de expressão,

religiosidade e afetiva. Embora seja notório o fato de as mulheres terem sido alvos principalmente de sexismo, machismo, perseguições políticas e privações de todo tipo, em particular mulheres negras, indígenas ou imigrantes pobres e periféricas no Brasil e no mundo, por outro lado, suas lutas e coragem contra toda essa opressão é o que marca e inspira tantas outras pessoas a dizer “já basta”.

Diante disso, gostaria de estar citando referências nacionais, como a Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira, autora do “Pequeno Manual Antirracista” – hoje, um dos textos mais citados no que se diz respeito à luta antirracista em território brasileiro; como também, textos da bell hooks, professora, teórica feminista, artista, ativista e escritora negra, autora do livro “Ensinando a transgredir” – obra espetacular onde a bell, professora universitária referência mundial no que se diz respeito à luta racial, feminista e pedagógica, nos conta algumas de suas principais lutas e reflexões para desenvolver uma educação libertadora, crítica e questionadora. Acredito estar dialogando muito com as experiências didáticas do grande e querido Paulo Freire, educador, filósofo, escritor e patrono de toda a educação brasileira e referência mundial; como também, citarei experiências de vida e luta social da militante socialista-libertária Emma Goldman, anarquista lituana, ativista, escritora e palestrante lituana, em sua obra “Dois anos na Rússia” e, diversas relatos e experiências que tive a oportunidade de ter contato, seja com mulheres indígenas, professoras, mães que conheci durante meus anos de ação política, educacional e social na busca por dignidade e solidariedade no Rio de Janeiro, tendo a oportunidade de conviver e dialogar com pessoas de diversas nacionalidades e movimentos indígenas, quilombolas, urbanos e camponeses.

### **PACHAMAMA – PARA HONRAR NOSSAS MÃES SÃO SAGRADAS**

A palavra “kunjã” significa “mulher” na língua tupi. As kunjãs são dotadas de força, coragem e determinação inexplicáveis. São consideradas sagradas, como a Pachamama, a sagrada terra-mãe geradora de toda vida na terra. Muitas vezes, são fontes inesgotáveis de resistência. As mulheres, hoje e sempre, são os maiores exemplos de revolução, luta e mudança social através do seu protagonismo político, cultural e social. Mesmo sendo vítimas de sociedades patriarcais com tradições voltadas à sua subordinação e repressão, como sexismo, machismo e outras formas de perseguição religiosa e política pelo simples fato de existirem fora de algum dogma social, as mulheres buscam o controle através da subordinação forçada e obediência impostos por sociedades culturalmente estruturadas por



homens ou suas religiões repressoras pelos séculos, jamais voltadas a um ideal de liberdade e igualdade de gênero. Um exemplo disso, infelizmente, são algumas culturas indígenas que, embora bastante avançadas em diversos aspectos, como organização, agroecologia e religião, ainda reproduzem a chamada “divisão sexual do trabalho”. Esse conceito, enraizado em algumas sociedades patriarcais, impõe tarefas arbitrariamente e culturalmente com base no gênero biológico das mulheres. Muitas vezes, ao se posicionarem contrariamente às tais normas, as mulheres podem ser vítimas de algum tipo de perseguição, exclusão sociocultural.

Garimpeiros ilegais estupraram e mataram uma menina indígena Yanomami de 12 anos na região do Waikás, em Roraima. A informação foi divulgada na noite da última segunda feira pelo presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana (Condisi-YY) e liderança deste povo. O crime aconteceu na Comunidade Arakaca, onde a criança foi sequestrada pelos garimpeiros e brutalmente violentada. Em um vídeo divulgado nas redes sociais, Hekurari afirma que, além da morte da menina, uma outra criança indígena Yanomami desapareceu após cair no rio Uraricoera.

*Júnior Hekurari Yanomami, 2022.*

A violência contra as mulheres é um tema cotidiano, necessário, presente e impossível de se ignorar. É preciso enfatizar a vulnerabilidade das mulheres indígenas, negras, trans, imigrantes pobres e periféricas. Embora todas estejam sujeitas a todos os tipos de violência inerentes a uma sociedade machista e sexista, essas mulheres têm suas vulnerabilidades mais agudas por estarem inseridas em contextos que normalizam variados tipos de atrocidades construídas histórico-socialmente por sociedades baseadas em sistemas patriarcais. Por exemplo, a situação das mulheres indígenas é muito grave, sendo a segurança delas uma das principais preocupações do movimento indígena nacional. A situação se agrava a cada flexibilização da proteção dos seus territórios, seja através da paralisação de demarcações através do chamado marco temporal, uma ação no Supremo Tribunal Federal de iniciativa da bancada ruralista, mudanças de órgãos públicos indigenistas e atividades como o garimpo ilegal em terra indígenas. O garimpo ilegal é uma das principais causas de males relacionados à vida e saúde dessas mulheres, como a proliferação da COVID-19. Além disso, muitos garimpeiros são estupradores, assassinos de lideranças indígenas, poluidores dos rios permanentemente com suas atividades ilegais, trazendo consigo doenças, alcoolismo e tráfico sexual de crianças e mulheres indígenas.

## “KUZÁ GWER WÁ” – MULHERES GUERREIRAS

“Kuzá Gwer wá” – mulheres guerreiras, é o nome do capítulo do livro da Universidade Indígena Pluriétnica Aldeia Maracanã, que através das mulheres indígenas da Aldeia Maracanã foi recentemente publicado. Como colocado em uma das suas passagens,

A mulher indígena é guerreira porque defende os seus parentes, as crianças, os anciãos, defende seus territórios. Porque precisamos defender nosso corpo-território. A invasão dos territórios indígenas e a violação dos nossos corpos das mulheres indígenas são marcas do colonialismo que seguem se repetindo hoje. As mulheres indígenas são alvo de violências invisibilizadas, são constantemente ameaçadas e sofrem vários tipos de opressão. A discriminação de gênero que sofremos acontece também junto a um preconceito ligado às nossas existências indígenas, a etnofobia, que faz com as mulheres indígenas sejam mais invisibilizadas que mulheres não-indígenas – brancas ou negras. Precisamos nos defender, nos proteger e lutamos pelo bem-estar das mulheres dentro de seus territórios. Lutamos pela floresta em pé e pela saúde de todos. (URUTAU; KRIKATI, 2023, 93).

Utilizando o caso da Terra Yanomami, ao extremo norte do Brasil, para ilustrar inúmeros casos que ocorrem atualmente em terras originárias, que tiveram cerca de 30% de todo seu território devastado e rios contaminados com mercúrio, como exemplo para demonstrar tantos outros casos que ocorrem em territórios indígenas do Brasil. No final de 2020, já somavam dois mil e quatrocentos hectares de área degradada; a atividade garimpeira disparou nas bacias do Rio Uraricoera, que concentra mais da metade de toda a área degradada pelo garimpo, cerca de 52%. É confirmado historicamente e cientificamente que essa aproximação incomum com garimpeiros, madeireiros e até missões religiosas nas comunidades fragiliza a saúde das famílias indígenas, gerando desestruturação econômica e até conflitos violentos, como o assassinato de dois indígenas na região do Parima por milícias fortemente armadas, o sequestro de mulheres yanomami por garimpeiros, o que serve também como a porta de entrada para a covid-19, a quadruplicação dos casos de malária, alcoolismo, exploração sexual e altas taxas de contaminação por mercúrio causando danos de longo prazo e irreversíveis sobre a saúde dos mesmos (HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMANI; ASSOCIAÇÃO WAASSEDDUUME YE'KWANA, 2020). Sendo assim, devemos lutar pela retomada integral das políticas de proteção territorial, exigir um plano integrado de autoridades e órgãos públicos pela desestruturação total do garimpo nesses territórios e cobrar ações

pelo desmonte de toda essa infraestrutura clandestina instalada nesses territórios<sup>1</sup>. Além disso, é crucial avançar em investigações para identificar e responsabilizar os principais atores que financiam e se beneficiam dessa cadeia de ouro ilegal a custo de tantas vidas humanas. Também é imperativo incluir essas pautas urgentes nos debates atuais, pois a floresta vale mais que ouro, e os indígenas são seus maiores protetores.

A presença de garimpeiros em terras indígenas também acarreta diversos problemas, como a desestruturação econômica, conflitos violentos, exploração sexual e sequestro de mulheres. No ano de 2020, por exemplo, dois indígenas foram assassinados por milícias fortemente armadas na região do Parima, em Roraima. O garimpo ilegal é uma atividade criminosa que deve ser combatida com rigor. É crucial retomar as políticas de proteção territorial e exigir um plano integrado de autoridades e órgãos públicos para a desestruturação total do garimpo nessas terras. Além disso, é importante cobrar ações pelo desmantelamento de toda essa infraestrutura clandestina instalada nesses territórios e avançar em investigações para identificar e responsabilizar os principais atores que financiam e se beneficiam dessa cadeia de ouro ilegal, custando tantas vidas humanas. A floresta vale mais que ouro, e os indígenas são seus maiores protetores. É necessário lutar pela defesa desses territórios e pela vida das populações indígenas que neles habitam.

A resistência é uma necessidade vital, uma batalha pela vida que para um indígena é tão essencial quanto respirar. A luta indígena é uma jornada de toda uma vida, onde coletivamente encontramos as forças necessárias para resistir e simplesmente existir. A Aldeia Maracanã se destaca como um dos maiores símbolos dessa resistência no Rio de Janeiro. Nós, indígenas, resistimos por meio da preservação de nossas culturas e modos de vida. Seja por meio de cantos ao redor da fogueira, discussões em roda ou simplesmente utilizando itens que para nós são sagrados, afirmamos e garantimos nosso direito de ser o que somos, juntos e em comunidade. Como dito por Guajajara e Potyra,

O silêncio do Estado também é uma forma de nos matar. Seguiremos em luta por nossos direitos e resistiremos, pois somos árvores fortes enraizadas nesta terra. Somos muitas, somos múltiplas, somos mil-heres, cacicas, parteiras, benzedadeiras,

---

**1** - Pública. **Com Bolsonaro, fazendas foram certificadas de maneira irregular em terras indígenas na Amazônia.** Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/com-bolsonaro-fazendas-foram-certificadas-de-maneira-irregular-em-terras-indigenas-na-amazonia/>>. Acesso em 10 de novembro de 2023.

pajés, agricultoras, professoras, advogadas, enfermeiras e médicas nas múltiplas ciências do Território e da universidade. Somos antropólogas, deputadas e psicólogas. Somos muitas que se movimentam do chão da aldeia para o chão do mundo; “A cada ano cresce a nossa presença no Acampamento Terra livre em Brasília. Estamos organizadas, em diferentes grupos, regiões, territórios, por aldeias. (URUTAU; KRIKATI, 2023., 94)

O trecho acima se encontra no Manifesto da Articulação Nacional das mulheres indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga) contra a violência de gênero, racismo contra a mulher indígena, e da intolerância religiosa e contra a institucionalidade da proposta de Lei 191/2020.

### **“UDMONO’OG KUZÁ GWER WÁ” – O CICLO SAGRADO DAS MULHERES**

Durante a lua cheia, conhecida como “zahy hu”, ocorre um dos encontros mais significativos na Aldeia Maracanã. Este encontro é inteiramente dedicado às mulheres e é chamado de “Udmono’og kuzá gwer wá” – o ciclo sagrado das mulheres. Durante esse período, a entrada dos homens é totalmente proibida, e não são permitidas fotografias ou filmagens. O único relato disponível está registrado no livro “Nossas Artérias, Nossas Raízes”, publicado pela Universidade Indígena Pluriétnica Aldeia Maracanã. O ciclo sagrado teve início por volta de 2004 no CESAC e continuou na Aldeia Maracanã. Em uma entrevista, Potyra Krikati, liderança da Aldeia Maracanã, responde a uma pergunta sobre como as mulheres das sociedades não indígenas podem aprender com a espiritualidade, a arte e a resistência das mulheres indígenas. Potyra afirma: “Nossos cantos falam alguma coisa, todos os cantos são bem fortes. Aí o canto está passando a espiritualidade para outras pessoas. E também a união delas e a simplicidade de cada uma. Porque é assim, as mulheres indígenas têm muita simplicidade, e acontece que essa simplicidade dentro da cidade grande é muito difícil de achar. Então é por isso que o ciclo das mulheres é importante, para que todas as mulheres encontrem a simplicidade junto com a espiritualidade”.

### **“WIRA’O HAW” – A FESTA DO MOQUEADO, RITUAL DE PASSAGEM DA MENINA-MOÇA.**

Estive presente no “Wira’o haw” no território sagrado da Aldeia Maracanã, que é um rito de passagem feminino altamente ritualizado, uma tradição milenar em diversas etnias. Este evento contou com a presença de diversos caciques, pajés e lideranças indígenas vindos do Maranhão e Brasília para o território da Teko Haw Maraká’ná, onde já está sendo vivenciado pelo seu segundo mês. O cacique Urutau Guajajara explicou o significado do evento nas seguintes palavras:

O rito de passagem Wira'ó haw, também conhecido como Festa do moqueado, ou, Festa da menina-moça é uma tradição milenar do pov Tentehar (Guajajara). Marca a passagem da adolescência para a fase adulta das meninas guajajara. Em 2012, aconteceu na Aldeia Maraká'ná o moqueado da Mayra Guajajara. Foi a primeira vez que aconteceu fora de uma reserva guajajara no Maranhão, o que se repetiu em outubro de 2022 foi o moqueado da Maynumi Guajajara. Maynumi menstruou em janeiro de 2022. No mesmo dia foi feito o ritual de pintura corporal com jenipapo por sua mãe e suas tias, e em seguida ela entrou na tukai, tocaia onde ficou reclusa por uma semana. Às três horas da madrugada do último dia, após os fogos de artifício, ela saiu da casa de reclusão. A partir daí então começaram os preparativos para a grande festa em outubro com os parentes e amigos.

*Urutau Guajajara,  
Cacique da Teko haw maraká'ná pe (Aldeia Maracanã)*

### **TEKO HAW MARAKÁ'NÁ REXISTE: ALDEIA RESISTE, EXISTINDO NO RIO DE JANEIRO.**

Quando abordamos a luta antirracista no Rio de Janeiro, é inevitável mencionar uma das resistências originárias mais renomadas da cidade: a Aldeia Maracanã. Situada no centro do Rio de Janeiro, ao lado de um dos maiores e mais famosos estádios do país, essa aldeia pluriétnica destaca-se como um exemplo significativo de resistência indígena, tanto em âmbito nacional quanto internacional. No entanto, ela vai além disso, pois a Aldeia Maracanã é também uma universidade indígena pluriétnica, servindo como um espaço de encontro para diversas etnias, culturas e formas de vida distintas, incluindo origens indígenas, afrodescendentes e imigrantes de vários países. O nome "Maracanã" provém do tupi-guarani "Maraká'na" ou "aquilo semelhante a um chocalho". Essa denominação está relacionada aos sons produzidos pelas aves Maracanã-guaçu e Maracanã-verdadeiro, que emitem sons semelhantes aos de um chocalho. Esse nome estende-se ao bairro e ao estádio que compõem a região. A Aldeia Maracanã está localizada no território do antigo Museu do Índio, inaugurado em 1862. Após 1977, o museu foi transferido do bairro Maracanã para o bairro Botafogo. O território do antigo museu indígena foi posteriormente ocupado por indígenas de diversas etnias e estados do país, muitos deles membros do Congresso Tamoio dos Povos Originários, organizado pelo Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré-Imana (CESAC-CAIURÉ). A Aldeia Maracanã, assim, tornou-se patrimônio público, sendo proibida sua demolição.

A primeira resistência nossa foi no CESAC, no Complexo do Alemão. É uma luta intensa. Em qualquer lugar que tentamos resistir, tentam

nos remover. Isso ocorreu no CESAC e também aqui.

O centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré (Cesac) – Caiuré Imana foi importante tuxaua (Líder Guajajara), um dos principais organizadores do levante de Alto Alegre, ocorrido no Maranhão em 1901. Caiuré é bisavô de Urutau Guajajara. O CESAC é um espaço comunitário gerido por Potyra Krikati Guajajara e Urutau Guajajara desde os anos 1990. Está localizado na rua maracá, em Tomás Coelho (Rio de Janeiro), e é voltado para a defesa de direitos e interesses da população indígena em contexto urbano e seus apoiadores. O CESAC foi um dos principais organizadores do Congresso Tamoio dos Povos Originários, ocorrido na UERJ, em 2006. O congresso reuniu representações de 20 etnias indígenas nativas do território brasileiro e culminou na retomada do terreno abandonado pelo poder público do antigo Museu do Índio, espaço que mais tarde chamaríamos de Aldeia Maraká'ná. (URUTAU; KRİKATI, 2023, 86).

### **A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES PELA LUTA ANTIRRACISTA, ANTISEXISTA E POR UMA SOCIEDADE LIVRE E IGUALITÁRIA**

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por sem-número de outras diferenças. (hooks, 2017).

bell hooks, uma renomada professora universitária negra, teórica feminista, artista, ativista e escritora, é uma referência mundial em seus temas de pesquisa. Em seu livro "Ensinando a Transgredir", ela apresenta diversos textos críticos sobre o papel dos professores no desenvolvimento de uma pedagogia verdadeiramente libertadora, alinhada aos ideais de Paulo Freire, educador e filósofo. hooks aborda questionamentos sobre os corpos racializados em contextos acadêmicos, a presença de professores negros na universidade e desenvolve um diálogo crítico sobre práticas antirracistas pedagógicas. A obra destaca a necessidade de um diálogo entre homens, mulheres e acadêmicos negros, promovendo solidariedade entre pensadoras feministas progressistas de diferentes origens étnicas. hooks aborda o impacto da representação de professores brancos como reprodutores e representantes do poder, privilégio e hierarquias opressoras. A autora compartilha suas reflexões sobre a surpresa ao perceber que muitos acadêmicos brancos interagem e criticavam seus estudos, levando-a a buscar um diálogo mais profundo

com Ron Scapp, um colega professor universitário branco. A discussão entre eles abrange temas como assédio sexual, a presença do corpo do professor branco no espaço de ensino e o constante desconforto que o corpo negro pode experimentar. Para hooks, o processo de ensino-aprendizagem vai além da mera transmissão de informações, destacando a importância do trabalho conjunto de todas as pessoas envolvidas.

Assim como bell hooks, mulheres mães, negras, indígenas ou imigrantes, como Djamila Ribeiro, Angela Davis, Ana Maria Carolina de Jesus, Conceição Evaristo e tantas outras, tiveram importância fundamental na construção da luta antirracista, antissexista, antipatriarcal e contra diversos tipos de preconceitos internacionalmente. No Brasil, um país que nasceu de um projeto de saque, escravidão e racismo contra os povos originários e afrodescendentes, atualmente luta contra os reflexos dessa violência em suas raízes sangrentas, buscando se tornar verdadeiramente livre, igualitário e justo, embora estejamos longe desse ideal. O primeiro passo é reconhecer toda a barbárie da colonização e invasão europeia, reconhecendo-nos como um povo plural e multicultural, por celebrar nossas diferenças. Apesar dos avanços lentos, é fundamental compreender que existem várias maneiras de efetivamente lutar contra nossa herança de racismo, desigualdade, exclusão e preconceito. O preconceito, conhecido por ser um “mal invisível”, é uma palavra inexistente nas línguas indígenas, embora esses mesmos povos, assim como os afrodescendentes, vivam cercados por ele. É urgente e necessário diminuir os preconceitos, o que nos leva à difícil tarefa de refletir sobre nossos próprios pensamentos e ações.

Quantas vezes nos percebemos preconceituosos ou preconceituosas, julgando pessoas e situações sem de fato conhecê-las com profundidade? Inicialmente, é preciso compreender que o preconceito se manifesta em qualquer opinião ou sentimento baseado em pré-julgamentos e generalizações. Resulta da ignorância daqueles que se prendem a ideias próprias, desconsiderando outros pontos de vista e opiniões. Na maioria dos casos, atitudes preconceituosas são manifestadas com raiva e hostilidade, rejeitando qualquer ideia que ultrapasse a realidade considerada “normal” ou assumindo uma forma piedosa e assistencialista, incapaz de reconhecer o direito das comunidades de decidirem seus próprios destinos.

Mulheres que há muito tempo lutam contra o preconceito, como Djamila Ribeiro, autora, escritora e ativista do movimento negro, alertam sobre a necessidade de nos informarmos sobre o racismo. Seu livro “Pequeno Manual Antirracista” destaca a importância de

questionar nossas próprias ações, enxergar a negritude e respeitar as expressões culturais e intelectuais das pessoas indígenas. Ribeiro também destaca a necessidade de reconhecer o privilégio branco e a sociedade construída para mantê-lo, compreender a responsabilidade histórica da criação do racismo, buscar transformações nos círculos sociais e de trabalho, denunciar o racismo, reconhecer nossos próprios lugares de fala, apoiar pessoas negras e indígenas em suas diversas formas de expressão, e assumir um posicionamento ativo contra o racismo, tornando-se verdadeiramente antirracista.

Outro exemplo notável de uma mulher que lutou por seus ideais de liberdade e foi perseguida por isso foi a anarquista lituana Emma Goldman. Ativista, escritora e palestrante, Emma arrastava milhares de pessoas com sua obra “Dois Anos na Rússia”, onde relata suas experiências após vários anos de silêncio em território americano. Ela foi acusada de traição por se posicionar contra a guerra e criticar os rumos que a revolução russa tomou. Nos textos de Emma, encontramos duras críticas ao modo como o governo bolchevique conduziu a revolução, culminando na chamada “morte da revolução”. Em um período em que governos capitalistas imperialistas lucravam com a guerra, Emma acusava Lênin de acabar com uma das verdadeiras esperanças de se livrar dos jugos pesados de um estado centralizado. Ela argumentava que o comunismo militarizado separou completamente a revolução do povo e o povo da revolução, perseguindo, explorando e assassinando o próprio povo que diziam representar. Emma Goldman denunciava políticas internas como o “comunismo militarizado”, que resultou em fome em grande escala na população rural. O governo bolchevique confiscava toda a produção agrícola através de sistemas como a “Razvyorstka”, causando fome generalizada. A perseguição a tudo que não era comunista se intensificou, com representantes dos trabalhadores e anarquistas sendo frequentemente presos. A “ditadura do proletariado” nas mãos de um pequeno grupo de privilegiados resultou na ignorância das expressões livres dos trabalhadores, camponeses e soldados. A “tcheca”, uma organização espã, policial, judicial e carcerária, tornou-se uma das mais poderosas e brutais, utilizando tortura, assassinatos e espancamentos para silenciar opositores. Emma Goldman viajou a Moscou, encontrou anarquistas como Pedro Alexeivitch Kropotkin e mulheres como Maria Spiridonova, que se tornou uma grande opositora do estado comunista após ser perseguida pelos bolcheviques. Emma também lutou pela vida de crianças, testemunhando abusos e fome em creches onde crianças consideradas “defeituosas moralmente” eram mantidas em condições brutais. Ela enfrentou a perseguição por lutar por melhores condições para essas crianças.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDEIA MARAKÁ'NÁ, Universidade Indígena. **Em nossas artérias nossas raízes**. Rio de Janeiro-RJ, 2023.

\_\_\_\_\_. **Tentehar' muze'eg uze'eg ze'egar haw a'e "Cantos e encantos"**, Rio de Janeiro-RJ, 2022.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

DJAMILA, Ribeiro. **Pequeno Manual Antirracista**, São Paulo-SP, Editora Schwarcz, 2019.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**, 1971.

GOLDMAN, Emma. **Dois anos na Rússia**. São Paulo-SP, Barricada Libertária, 2012.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo-SP, WMF Martins fontes, 2017.

HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMANI; ASSOCIAÇÃO WAASSEDDUUME YE'KWANA. **Cicatrizes na floresta**: evolução do garimpo ilegal na TI Yanomami. Roraima, 2020.

UGLO, Ana Roberta Patté; SCHWINGEL, Kassiane; VESOLOSQUIZKI, Marcos; APURINÃ, Pamela Hingred de Souza Freitas; MARIANO, Rodrigo: **"Quebrando preconceitos, construindo respeito**: Luta e resistência dos povos indígenas no Brasil. Porto Alegre - RS, 2019.

URUTAU, Guajajara, KRIKATI, Potyra, Universidade indígena Pluri-étnica Aldeia Maracanã. **Em nossas artérias, nossas raízes**. CESAC I-motiró, 2023.

## 4. MOÏASUKABA YBY PUPÉ



**EMANUELY MAKAYA**

Emanuely é indígena potiguara residente na cidade do Rio de Janeiro. Formada em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e em Fotografia pelo Imagina do Povo – Escola de Fotografia Popular (Observatório das Favelas). Na fotografia, documenta a experiência indígena em contexto urbano e as múltiplas manifestações da cultura popular, com maior interesse na presença feminina nesses espaços. Através da antropologia, pensa nos possíveis caminhos da imagem na contemporaneidade.



**IMAGEM 8: AMANDA GOYTACÁ**  
Fotografia, 2022.



**IMAGEM 9: MARIA GUAJAJARA**

Fotografia, 2022.

As fotografias compõem a série “Moîasukaba yby pupé”, projeto final de formação na Escola de Fotografia Popular. Com o intuito de registrar mulheres indígenas em contexto urbano, trata-se da afirmação e reforço de um posicionamento político. Essas mulheres representam a diversidade de nossos corpos-territórios, trajetórias de vida, saberes, lugares, lutas e resistências. Em suas particularidades, algumas são migrantes de seus territórios originais, enquanto outras estão retornando a eles. Todas, sobretudo, reconhecem-se como nativas. Com muitas delas, eu também me afirmo como mulher indígena; a coletividade afetiva.

## 5. POEMAS AUTORAIS



### DANIELA TUPINAMBÁ

Sou Daniela Tupinambá do Tapajós. Desde pequena, encanto-me com as encantarias e cores que vêm de kaápe, a floresta. Venho de uma família de artesãos e professores. Meus ancestrais ensinaram-me as habilidades que tenho, e por isso, hoje, sou professora, artesã, escritora e cientista. Sou por eles. Peço aos brasileiros que aprendam e respeitem Pindorama e suas diversidades; aos meus parentes, peço que encontrem a felicidade. Kuekaturreté Tupã ce sikwé.

### O BURACO

Eu vivia com um buraco enorme dentro de mim.  
O buraco me doía e aumentava,  
Toda vez que me olhava no espelho.  
Um dia o buraco ficou enorme,  
e eu nem me lembrava como ele ficou desse tamanho.  
Nem sabia como ele cabia dentro de mim.  
Ele já era muito maior do que eu.  
Quando sufocada e tão pequena,  
perguntei a ele:  
- quem tu és?  
Ele me respondeu que era minha própria existência.  
E eu olhei o buraco pela primeira vez.  
Ele tinha a cor do jenipapo que pintava e protegia minha pele.  
Ele tinha o cheiro das águas de minha mãe,  
suja pela Cargill.  
Ele tinha a voz das anciãs mortas  
pelas mãos dos madeireiros.  
Ele carregava tantas dores...  
Dores que não eram mais minhas, mas sim, nossas.  
Ele sussurrava para mim,  
aparecia nos meus sonhos  
A solidão de um povo coletivo.  
A minha própria solidão.  
A falta de espaço para ser.  
Eu vivo hoje com um buraco dentro de mim.

Eu dei a ele o direito de ficar.  
Porque sei o quanto dói não pertencer.  
Mas hoje eu dou comida para ele, amor ou xibé.  
Prometo a ele um banho de igarapé, mesmo que demore a chegar.  
Meu buraco é meu espelho.  
Todas as noites antes de dormir  
Me acocoro a ele,  
Canto para ninar.  
Eu digo a ele:  
Assaisu ixe.  
Aprendi a me amar.

### A TINTA DE JENIPAPO

Eu cato a fruta do alto da árvore.  
O tronco do jenipapeiro está pintado de branco.  
Envolta dele, muitos prédios.  
Eu pego a fruta e vou para casa.  
Eu ralo a fruta, eu faço a tinta.  
No fundo da bacia, a tinta escura faz volume.  
A tinta reflete meu rosto,  
Meus olhos me enxergam como na perfeição dos igarapés,  
Eu me lembro dos meus olhos,  
No espelho de minha mãe.  
Mamãe Tapajós, mamãe Japurá, o cheiro é tão bom...  
Eu me pinto de tinta fresca,  
O mais lindo ornamento ancestral.  
Eu estou protegida  
Horas passam e minhas mãos se tornam noite.  
No ponto de ônibus eu cruzo os braços, involuntário.  
Na rua, eu coloco o fone nos ouvidos,  
e mesmo que eles não toquem nada,  
me servem para fugir das palavras que me repudiam.  
Um grupo de mulheres ridicularizam minhas penas.  
Um homem me interrompe para dizer o quanto estou feia.  
No trabalho, meus materiais somem.  
Pessoas tocam na minha pintura.  
À noite as minhas mãos passam para os olhos e se faz chover.  
É tanta água que me lembro de minha mãe  
e nela me fortaleço sempre que faz doer  
o racismo dessa gente.  
Ainda há tempo de entender:  
no mundo pode viver quem respeita a Terra.  
Nossa mãe.  
E os filhos dela.

## VIDA DE PALHA

Tem dias que sou tomada  
pela tristeza da saudade.  
Eu acordo e sinto apertar meus olhos com a paisagem,  
marejar nas águas do meu território,  
marejar nas revoltas da cidade.  
Eu carrego no peito essa saudade,  
converso com ela todos os dias.  
Ela me conta as histórias  
de minha família, meus ancestrais.  
Quando fecho meus olhos, sou capaz de ver  
todos os detalhes da história que ela conta.  
Eu vejo e sinto o Território.  
As águas tão prósperas,  
o cheiro da farinha no forno,  
o barulho de moer açaí.  
Uma buzina me acorda,  
e meu coração se parte na cidade.  
Do jenipapeiro de tronco pintado.  
Do cocar que fica só pendurado na parede.  
Mas ainda, eu tenho desejos por aqui.  
Entre eles, o bem viver do meu povo.  
Entre eles, o reconhecimento de Pindorama,  
Palavra muito maior que Brasil.  
Entrego meu corpo às ruas,  
como quem se entrega para a guerra.  
A cidade é uma batalha que travo todos os dias.  
E que de tantas vezes vencida,  
tantas vezes perdida,  
entendi que a nossa felicidade  
é o maior medo deles.  
É a maior arma nossa.

## 6. FOTOGRAFIAS



### GILBERTO OLIVEIRA/MARGEM DO RIO

Beto Oliveira, artista visual afroindígena, diretor criativo, amazonense, LGBTQIA+, 26 anos, criador do projeto visual “Margem do Rio”, que conta histórias indígenas e negras da Amazônia, e também a presença desses povos nos centros urbanos.



### IMAGEM 10: GRITAR E CHACOALHAR

Guajajara protestando na Av. Rio Branco no Rio de Janeiro (RJ) contra a PL do Marco Temporal. Fotografia, 2021.



**IMAGEM 11: É TERRITÓRIO!**

Indígenas se reúnem na praça Largo São Sebastião, em Manaus (AM), contra o Marco Temporal. Fotografia, 2021.



**IMAGEM 12: NÃO ESQUECER DE DANÇAR NO ASFALTO**

Maria Guajajara dançando no asfalto da Av. Rio Branco no Rio de Janeiro (RJ). Fotografia, 2021.





**IMAGEM 13: DANÇAR PARA SUSPENDER O CÉU.**

Kaê Guajajara, sua filha Diana e Kandu Puri na aldeia Maracanã. Fotografia, 2022.



**IMAGEM 14: ESTAMOS NAS CIDADES!**

Indígenas kokamas em protesto contra o governo Bolsonaro durante a pandemia. Fotografia, 2021.



**IMAGEM 15: MEU CORPO E ESPÍRITO  
HABITAM ESSA CIDADE.**

Artista indígena Lian Gaia em  
protesto contra o Marco Temporal.  
Fotografia, 2021.

Durante os últimos anos, o movimento indígena esteve presente nas ruas das cidades. Não foi a primeira vez, nem será a última. Pisando no asfalto, com maracás, com cantos, com danças, estamos pisando firme! O Brasil inteiro é terra indígena; logo, é necessário destacar a luta contra o Marco Temporal, que ainda assombra nossos juízos e provoca etnocídios e homicídios indígenas pelo Brasil. Essas fotografias retratam as cores das nossas vestimentas, pinturas e potências. São todas essas mãos que seguram o céu para que não desabe sobre nós. São as mãos que cuidam da terra para que ela não nos engula. São as mãos que estão adiando o fim do mundo.

## 7. POESIA INDÍGENA ORIGINÁRIO DO RJ



Créditos foto: Ariel Timbohyba

### KANDU PURI

Kandu é um multiartista indígena do Rio de Janeiro. Já morou em diferentes favelas do Rio, como Providência, Maré, Morro do Andaraí, Jacaré, Mandela e Complexo do Lins. Pertence ao povo indígena Puri, um grupo que habita o Rio de Janeiro e outros estados do sudeste, falando o idioma Kwaytikindo. Seu trabalho artístico abrange diversas áreas, incluindo música, poesia, escultura, escrita, direção audiovisual e produção artística, trazendo conscientização para a presença indígena em todos os lugares, como nas favelas e cidades do país. Kandu é co-fundador do selo Azuru, uma iniciativa artística voltada para o desenvolvimento de artistas indígenas, originada nas favelas do Rio de Janeiro. Através do coletivo Azuru, foi diretor de clipes de diferentes artistas, produtor e também foi curador da I Bienal de Arte Indígena do Rio de Janeiro, em 2022.

---

Indígena originário do RJ, o sangue do meu povo raiz dessa terra.

Presente de fúria, passado de glória, nós sobrevivendo até dentro da favela. Indígena originário do RJ, o sangue do meu povo banhando a terra, presente de fúria, passado de glória, nós sobrevivendo até dentro da favela.

Criados à margem pela mãe solteira que leva nas costas famílias indígenas, os originários da terra, levados roubados para as periferias.

Desde a escola, que o nosso sagrado vem sendo ensinado como fantasia, vivendo o bagaço do etnocídio na selva de pedra num mundo racista.

Pra lá e pra cá sempre dá enquadro, no boletim de ocorrência sou chamado de pardo. Os filhos da terra, donos da terra, num apagamento identitário.

Roubaram minha terra. Cadê as araras? Os cantos? O rio? O sorriso?  
E a mata? Me invisibiliza e me apaga, mas me queima no ponto do  
busão lotado. Me caça e me escraviza, sempre nossos corpos sendo  
violados.

Me mata, me rouba e me estupra - makim mapro ĩ ah ndondna.

Depois vem me pedindo a cura.

Ah ne muya manteka kara  
*(eu não quero eles aqui)*

Indígena originário do RJ, o sangue do meu povo raiz dessa terra.

Presente de fúria, passado de glória, nós sobrevivendo até  
dentro da favela. Indígena originário do RJ, o sangue do meu  
povo banhando a terra. Presente de fúria, passado de glória, nós  
sobrevivendo até dentro da favela.

Txo kapuna prika yamoeni galing ey txemim sate immi

*(veja os tiros que atingem os corpos dos meus parentes).*

Ah hon plew'ak txemim hon plew'ak diehyuñun kapuna ne galing ey  
tutak *(eu estou de pé, o povo está de pé, seus tiros não atingem meu  
espírito).*

Taheantah krim he ey ure day immi ah pa

*(o sangue do ancestral é o meu, corre no corpo, eu tenho).*

Taheantah krim he ey miti ey txemim mun yah itanaji

*(o sangue do ancestral é o meu, hoje meu povo vai achar a vitória).*

Taheantah krim ure day immi day orun xamum gran krim mun ñoti

*(o sangue do ancestral corre no corpo, em grande cobra esse sangue  
vai se transformar).*

Taheantah krim ure day immi gran uxurun pahinha he puri

*(o sangue do ancestral corre no corpo, essa terra grande sempre será  
puri).*

Indígena originário do RJ, o sangue do meu povo, raiz dessa terra.

Presente de fúria, passado de glória, nós sobrevivendo até dentro  
da favela.

Indígena originário do RJ, o sangue do meu povo banhando a terra.

Presente de fúria, passado de glória, nós sobrevivendo até dentro  
da favela.

## 8. KALANGO BROBÓ



### SANDRO XUKURU

Sandro Xukuru, indígena de retomada em contexto urbano e de orientação pan-afetiva, é integrante da Comunidade Indígena Pluriétnica 'Aldeia Marakanã', um espaço de resistência onde convive com seus Txais e atua politicamente por reparação histórica. Graduando em cenografia e indumentária pela UNIRIO, morador de Nova

Iguaçu, é defensor das territorialidades itinerantes, artista plástico e artesão indígena da etnia Xukuru Kariri. Expositor da Feira Híppie de Ipanema, é membro co-fundador do Coletivo RETOMADA e ativista pela demarcação de territórios tradicionais e urbanos.



### IMAGEM 16: KALANGO BROBÓ

Acervo Particular do Artista. Pintura acrílica sobre Canva. Gênero: Cenas do cotidiano sertanejo, 80x 60cm, 2023.

O Kalango é um elemento da iconografia nordestina e representa a resistência do povo do sertão, justamente porque eles vivem na seca e se superam a cada dia para continuar a viver. Neste sentido, o resgate da língua Xukuru, que é o Brobó, está sendo retratado na forma de um animal comum na cena cotidiana desses povos.

## 9. POEMAS AUTORAIS



### XIPU PURI

Isaías Borja, conhecido por seu nome étnico, Xipu Puri, nasceu em Viçosa, Minas Gerais, e cresceu em cidades do interior do estado. É indígena Puri, com raízes em uma região em que seu povo ficou conhecido como Arrepiados. Vem de uma tradicional família de músicos e mora atualmente em São Paulo (SP). Bacharel em

História pela Universidade Federal de Ouro Preto, estuda a Literatura Puri em seu mestrado em Letras: Estudos da Linguagem. É escritor, assinando diversas publicações em periódicos acadêmicos, portais culturais e livros. Interessa-se pela produção artística em diversas linguagens, e dentre suas obras destacam-se os álbuns de experimentação literária e musical “taheantah tri” e “Pindobeat”, e a dramaturgia “Siaburu” (Caixa de Dramaturgias Indígenas – N-1 Edições, Outra Margem).

---

### CHAMAMENTO

Do canto do morro, os antigos sussurram:

onde estão todos os pés que plantamos?

Onde estão os corpos que semeamos com as mãos que araram  
tanto por todos esses duros séculos?

Onde estão nossas memórias inscritas desde as entranhas do chão,  
além dos acervos, das coleções, referências e convenções sem  
nossos rostos e sonhos?

A urbe *aretxikuytxi*...

Nossas mães e nossas avós sonharam.

Engolidas pelo céu, que caiu, seus filhos foram paridos no  
horizonte...

### ALKEH POTEH

Antes de sermos Minas

Éramos constelação.

Entre serras antigas,  
os caminhos no chão  
apontavam para os sentidos dos povos.  
A vida sorria e sua poética  
nos fazia humanos diante das plantas,  
dos seres todos, dos encantados.  
Os caminhos dos *tahe*, dos *antah* e das *titiñan*

O passado e nossos entes passados  
bem sabem como era antes do tempo  
ser garimpado no sol.  
Antes do feijão escorrer pelas mãos  
e do milho ficar anêmico no morro.

Mas como meu velho dá ao orvalho,  
o chá por mor de curar o ventre,  
nos damos à terra,  
este canto que nos lembra  
que antes de sermos minas  
minava água do chão.  
E antes de sermos indígenas,  
éramos constelação

## GLOSSÁRIO DE TERMOS EM KWAYTIKINDO, LÍNGUA PURI

*Alkeh poteh* – poeira de luz/estrelas/astros

*Aretxikuytxi* – mentir

*Tahe* – velho

*Titiñan* – avó



## 10. SERTÃO DOS INHAMUNS A FORTALEZA/CE – O ESPAÇO QUE NOS UNE E SEPARA



### YUAPENU JUKÁ

Sou Yuapenu Juká, indígena em retomada do Sertão dos Inhamuns. Nasci em Fortaleza/CE e atualmente resido no bairro Mucuripe. Sou estudante de Licenciatura em Teatro pelo IFCE - Fortaleza, além de ser membro do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFCE Campus Fortaleza. Atualmente, participo do grupo Tamain - Arte Indígena do Ceará. Minhas pesquisas concentram-se em Narrativas Indígenas dentro do Teatro (Teatro Indígena), e também sou pesquisador de Teatro Periférico e questões afro-brasileiras e indígenas.

Nascido em Fortaleza/CE, no bairro chamado Genibau, onde se iniciava o processo de construção de casas de taipa próximas ao Rio Maranguapinho, minha mãe trazia nos braços uma criança que passou por muitos processos e sabia o que Fortaleza proporcionaria, a percepção de uma vida nova. Zilda Alves Gastino, mãe de Vanderlei Gastino de Paula, nome registrado no cartório, concebeu-me, pois meu pai, Raimundo Adriano de Paula, faleceu muito cedo enquanto eu ainda estava nos braços de minha mãe. Sobre a mãe que me concebeu, ela teve que migrar muito jovem, mulher cearense nascida em Tauá/CE, no Sertão dos Inhamuns, de onde vem toda minha ancestralidade. Passou por processos dolorosos devido à migração forçada do Sertão para a capital em busca de uma vida melhor. Ao chegar em Fortaleza/CE, no bairro Genibau, só tinha uma trouxa de roupa nas costas e uma criança nos braços. Mãe solo, que ainda não sabia por onde começar, foi se achegando no espaço e construindo sua própria história. Dito isto, conto esta história para entendermos como se deu todo esse processo e como minha mãe é esse espaço que não deve jamais ser esquecido; é o que eu chamaria de uma mãe que é um corpo-território.

Convido vocês agora a entenderem como se deu meu processo de retomada indígena no Ceará e como isso ainda está caminhando de forma cuidadosa. Em um bairro repleto de casas no entorno de um rio chamado "Rio

Maranguapinho”, lembro de minha mãe indo até lá e me banhando naquele espaço. Também a via lavando roupa e utilizando a água até mesmo para beber, pois até então não havia contaminação. Fui crescendo e desenvolvendo minha autonomia no espaço. Lembro das proezas que eram feitas, como subir nos pés de azeitona às 12h da tarde para comer e ficar em cima da árvore sentindo a brisa. Também tiveram quedas das quais ficaram marcas, marcas essas que carrego. Havia uma casa na árvore construída por todos os meninos e meninas do bairro, para nos escondermos e brincarmos de jogo “esconde”, onde um garoto contava de um até dez no pé de árvore e todos corriam para se esconder nas matas que ali estavam. Eu sempre senti que as árvores falavam comigo, principalmente aquelas das quais eu mais usufruía. Algumas delas fazem parte de minha memória, como os pés de castanhola, azeitona, jambo, manga, jucá, acerola, coco babão e coco. Cada pé tem uma lembrança que atravessa meu corpo.

### AS MEMÓRIAS QUE GUARDO

Não há uma linha lógica a ser seguida; o que existe são os momentos marcantes guardados no corpo-memória. Nesse percurso, fui percebendo o quanto a espiritualidade estava presente onde eu vivia. Num beco rodeado de caboclos, quando era mais jovem, dormia numa casa dividida em dois cômodos, conquistada com muito esforço por minha mãe. Havia uma cama na sala onde eu dormia. Num dia comum, acordei diante de uma cobra acima da minha cama. Ela estava ali, parada na parede, me observando, mas sem sequer me machucar. Fiquei me perguntando como aquele acontecimento foi possível. O que sei é que minha mãe teve que dar fim à cobra presente. Só depois fui entendendo que era alguém que me guardava, mas não sabia exatamente quem. Meus sonhos sempre foram repletos de histórias que eu nunca consegui explicar, como escutar sons de atabaques tocando, toques de terreiro, mesmo sem sequer ter ido a um. Então, minha espiritualidade sempre foi um dilema, pois eu era muito novo para entender.

A cobra me observa  
Lá está eu, erê  
Os sons que escuto  
São como caminhos  
Que vou percorrer  
“Índio” que virou raiz  
Raiz a ser plantada  
(yuapenu juká)

### ESCRITOS POÉTICOS

Minhas raízes percorrem caminhos que vão além do que se possa imaginar. Sou como a cobra que caminha, constantemente faminta pela retomada

do espaço. Meu corpo já não é mais o mesmo; cresci, e as raízes tornaram-se cada vez mais gigantes. No entanto, não cresço para cima; cresço para baixo, nos planos médio e baixo, no espaço que nos é constantemente negado. Cresço para debaixo da terra, explorando-a com as mãos e a língua, desbravando cascas que caem ao chão. Pego uma castanhola e mordo! Estarei provando dos sabores dos meus ancestrais? Vivo sob um grande cemitério, apagado no tempo pela colonização, onde as memórias se encantaram e se tornaram natureza. Raízes brotam, revelando novas possibilidades de vida para dar continuidade a uma história forte e resiliente.

Me fizeram árvore  
Mas já fui raiz  
Também fui rio  
E no fim, serei terra  
(yuapenu juká)

### ORIGENS E DESEJOS

Jucá, no tupi, significa “matar”. Somos conhecidos por nossos tacapés (armas de guerra), feitos da madeira da árvore Jucá, que possui grande resistência. O povo vive de forma autônoma no Sertão dos Inhamuns, no Ceará, onde se localizam Cococi, Aiuaba, Parambu e Tauá, e adjacências. A origem da minha retomada vem de todo o meu percurso e vivências com a espiritualidade, de forma totalmente livre, dentro do entendimento de que sou um corpo coletivo, ou seja, não estou só. A retomada veio muito forte; os Kariri me buscaram para que eu já iniciasse e me articulasse com os Juká, povo considerado extinto pelo Estado do Ceará. Me considero e me vejo em constante busca por aquilo que me foi arrancado, e só agora consigo perceber-me nesse espaço. A autodeclaração também veio de forma tardia, por respeito ao processo de outros indígenas que já existem no território. Hoje, construo a retomada ao lado dos indígenas do Ceará, reconhecendo que sou natureza e entendendo que meu processo é lento. O ato de pisar na terra é sempre minucioso, pequeno, com cuidado e respeito. Deixo isso em aberto, pois vivo em um espaço de continuidade para que a construção da minha história seja coletiva.

Me chamo Yuapenu Juká.  
Yuapenu significa “aquele que veleja na maresia”,  
pois vivo velejando em um terreno novo.  
Juká quer dizer que ando com meu povo,  
que sou um corpo coletivo e espaçoso.  
Não preciso dizer mais nada, meu corpo  
minha presença, já fala por mim.

## 11. RAÍZES ORIGINÁRIAS



### THANIS PARAJARA

Thanis Parajara, 30 anos, moradora de Inhaúma, periferia da zona norte do RJ. Fotógrafa formada pela Escola de Fotografia Popular - Observatório de Favelas, turma de 2023. Compõe o acervo do programa Imagens do Povo como fotógrafa colaboradora. Desenvolveu sua pesquisa fotográfica com o tema de sua ancestralidade indígena, documentando suas vivências e registrando a narrativa dos povos originários. Atualmente, dedica-se ao projeto “Raízes Originárias”, que busca resgatar e registrar, por meio da fotografia, a cultura ancestral de diferentes etnias. O trabalho visa à criação e construção de um acervo de etnofotografia indígena, retratando a preservação de crenças, costumes, memória, festividades tradicionais, espiritualidade, rituais, línguas, medicina sagrada nativa e grafismos.



### IMAGEM 17: SAGRADO URUCUM

Fotografia, 2023.

Planta utilizada para realizar pinturas corporais. Os indígenas carregam, por meio das pinturas no corpo e no rosto, a identidade cultural de sua etnia, utilizando-a de maneiras distintas para cada ocasião.



**IMAGEM 18: RODA DE CÂNTICOS TUPINIKIM**

Guerreiras TUPINIKIM cantam e dançam com seus marakas. Fotografia, 2023.



**IMAGEM 19: RITO DE ABERTURA DE CASAMENTO**

Guerreiros pataxó realizam a abertura do casamento ao som dos tambores e cânticos. Fotografia, 2023.



**IMAGEM 20: RITUAL TUPINIKIM DA DANÇA GUERREIRA**

Guerreiras TUPINIKIM no embate da batalha esportiva antes do batismo e casamento tradicional, ritual de medir forças na roda dos guerreiros e guerreiras do povo TUPINIKIM. Fotografia, 2023.



**IMAGEM 21:  
SAGRADO JENIPAPO**  
Fotografia, 2023.

O sumo da fruta é utilizado para a extração da tinta preta, que por sua vez é empregada nas pinturas corporais. Os indígenas carregam, por meio dessas pinturas no corpo e no rosto, a identidade cultural de sua etnia, utilizando-as de maneiras distintas para cada ocasião.



**IMAGEM 22: GRAFISMO E ANCESTRALIDADE**  
Fotografia, 2023.

Guerreiras pintam-se de jenipapo, incorporando simbologias que carregam a essência da ancestralidade. A arte indígena segue preceitos simbólicos e cosmológicos representativos de suas etnias.



**IMAGEM 23: BATISMO COM BARRO**

Ritual de proteção aos jovens guerreiros antes da entrada na mata para a caçada que antecede o casamento. Fotografia, 2023.



**IMAGEM 24: KALINHY'Ã**

A pequena guerreira Tupinikim e Terena. Fotografia, 2023.



O objetivo do projeto foi documentar a celebração popular festiva dos povos originários, retratando o fortalecimento cultural e tradicional dentro da pluralidade das diferentes etnias indígenas.

(Re)existência, memória, território, difusão dos saberes e valores dos povos indígenas foram os pilares fundamentais abordados.

A motivação para essa temática se entrelaçou com o processo de retomada e a oportunidade de participar da Escola Popular de Fotografia. Sou descendente de indígenas, no entanto, como muitas outras pessoas, minha família passou por um processo de apagamento de sua história. Após um longo período, dei início à minha retomada após um ritual de ayahuasca (erva medicinal) com uma liderança Huni Kuin. Dentro desse mundo imagético da máquina dos sonhos: no animismo do corpo, a consciência e o espírito. Tive o primeiro passo de resgate do conhecimento da minha ancestralidade, mergulhando nessa expansividade espiritual e física.

Nesse movimento de reencontro, decidi não apenas vivenciar, mas também documentar. Logo, a linguagem fotográfica acompanhou essa trajetória. Durante essas pesquisas e contatos virtuais, conheci Janaron Pataxó, que me indicou o festival ARAGWAKSÃ, previsto para ocorrer ainda este ano. Através desse festival, na Reserva da Jaqueira Pataxó, que acontece há 25 anos na Bahia, foi possível experimentar a coletividade como base de fortalecimento e preservação da cultura, refletida na tradição transmitida entre gerações. A programação do festival, que durou quatro dias, foi repleta de festividades, incluindo um casamento tradicional, batismo de barro, entre outras atividades que promovem a divulgação da cultura dos povos originários, contando com a participação de mais de quinze etnias do Brasil.

Fiquei acampada com os demais parentes participantes da festividade. Compartilhamos as mesmas refeições, dividimos o mesmo espaço e passamos as noites à beira da fogueira, onde compartilhávamos histórias dos antigos e vivíamos outros momentos singulares. Essa experiência foi um processo fundamental de integração, no sentido de articulação, cosmovisões e caminhos que se abriram.

O projeto fotográfico é um compilado que expressa a manifestação, a dança, a cura, a potência e a luta. Contribuí para a preservação do registro dessas narrativas, incluindo suas crenças, costumes, memória, festividades, sabedoria, espiritualidade, rituais, línguas, medicina sagrada nativa, grafismos, entre outros elementos significativos.

“A arte gera beleza porque trata da exteriorização do fluir do espírito; a cerimônia gera ordem porque trata da comunicação do espírito com a matéria, e a celebração gera alegria porque trata da animação da tribo externa para a interna. Que é fogo e queima, que vivifica.”

*Kaká werá*



## **BUSQUE SUAS RAÍZES**

Wanessa Ribeiro (@dewaneios\_)

# FICHA TÉCNICA

## EQUIPE CASA PRETA DA MARÉ

**Organização:** Associação Redes de Desenvolvimento da Maré

**Parceria Institucional:** AZURUHU

**Acompanhamento Institucional do Eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades:** Eliana Sousa Silva e Maíra Gabriel Anhorn

**Coordenação do Eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades:** Marcos Diniz e Pâmela Carvalho

**Coordenação Casa Preta da Maré:** Carlos André Nascimento e Fernanda Viana

**Captação de Recursos e Relacionamento Institucional:** Maíra Spilak

**Gestão Financeira:** Sandra Ciqueira

**Jurídico:** Nubia Alves

**Educadora Sênior Casa Preta da Maré:** Millena Ventura

**Educador Casa Preta da Maré:** Tiago Blanc

**Mobilizador Casa Preta da Maré:** David Alves

**Produtor Casa Preta da Maré:** Rodrigo Almeida

**Secretaria Casa Preta da Maré:** Ludmylla Braga

## EXPEDIENTE:

**Organização da Publicação:** Kaê Guajajara e Pâmela Carvalho

**Coordenação de Curadoria da Publicação:** Kaê Guajajara

**Banca de Seleção e Curadoria da Publicação:** Kaê Guajajara, Kath Xapi Puri e Lisi Potiguara

**Autores da Publicação:** Abi Poty, Daniela Tupinambá, Emanuely Makaya, Gilberto Oliveira/Margem do Rio, Yuapenu Juká, Xipu Puri, Sandro Xukuru, Thanis Parajara, Breno Tupinambá e Kandu Puri.

**Coordenação Editorial:** Kaê Guajajara e Pâmela Carvalho

**Ilustração de capa:** Wanessa Ribeiro

**Revisão:** Negra Saberes (Maria Aline Sabino e Bárbara Dias)

**Coordenação do Setor Comunicação Institucional:** Geisa Lino

**Projeto gráfico:** Nena Puri, Wanessa Ribeiro, Juliana Barbosa e Thais Oliveira

**Diagramação:** Nena Puri, Kath Xapi Puri

**Produção:** Bia Policicchio

# redes da maqré

PATROCÍNIO:



Deloitte.



REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



PARCERIA:

